

JORNAL ADUNICAMP

Publicação da Associação de Docentes da Unicamp • Campinas, São Paulo • Ano XV • Dezembro/1996

Inaugurada sede própria da Adunicamp

A Associação dos Docentes da Unicamp (Adunicamp) inaugurou, dia 14 de novembro, sua sede própria, localizada no cruzamento da Rua Cláudio Abramo com a Av. Albert Einstein, na Cidade Universitária Zeferino Vaz. Aproximadamente 250 pessoas compareceram à solenidade de inauguração que contou ainda com a presença de nove ex-presidentes, do ex-reitor Carlos Vogt e do atual reitor da Unicamp, José Martins Filho. O ministro da Educação Paulo Renato Costa Souza participou do evento na condição de ex-presidente da Adunicamp. Os dirigentes foram homenageados pelos colegas e analisaram o período que estiveram à frente da Entidade. Os principais trechos de suas falas estão sendo publicados nesta edição do **Jornal Adunicamp**.

Págs. 6, 7, 8 e 9



Universidade em perigo



O professor Sergio Silva, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, discute, no artigo *O governo quer acabar com a universidade*, os riscos que afetam essa instituição na atualidade. Consta que, depois de atravessar os tempos adversos da falta de democracia durante os governos militares, a universidade pública sofre agora ataques ainda mais violentos do poder instituído e vê na perda da autonomia o fim da própria universidade.

Pág. 3

Empossada diretoria para a gestão 96/98

Docentes, funcionários e alunos da Unicamp, além de representantes de diversas entidades sindicais, do Fórum das Seis Entidades, do DCE e o reitor José Martins Filho, estiveram presentes, no dia 29 de novembro, à solenidade de posse da nova diretoria da Adunicamp para os próximos 18 meses. Os integrantes da

mesa criticaram o Prêmio de Incentivo à Produtividade, o orçamento da Universidade e a Lei de Diretrizes Orçamentárias. Na esfera federal a política de avaliação das universidades também recebeu severas críticas. Na última página, publicamos o discurso de posse do novo presidente da Adunicamp, Lino Castellani Filho.

Também nesta edição

Editorial

Recém-empossada, a nova diretoria da Adunicamp já teve seus primeiros dias de trabalho enérgico. Juntamente com o STU, pressionou a reitoria a rever o cálculo do abono que feria os princípios da isonomia. Vitoriosa já em sua primeira campanha, a diretoria constata: "somente o diálogo alicerçado no respeito entre as partes poderá fundamentar ações comuns voltadas para a defesa da universidade pública".

Pág. 2

Prestando contas

Ao entregar a sede própria, antiga aspiração da comunidade, e fortalecida pelo crescimento do número de associados verificado durante seu período à frente da entidade, a diretoria que encerrou sua gestão em novembro último faz um balanço da sua atuação, avalia seu desempenho à luz do programa proposto há 18 meses, insere sua atuação dentro da conjuntura nacional e apresenta suas contas finais em forma de balancete.

Pág. 11

EDITORIAL

Início de gestão

Este número do *Jornal Adunicamp* que ora chega às mãos da comunidade universitária — notadamente ao seu corpo docente — é o primeiro publicado pela nova Diretoria da Entidade, recentemente eleita.

Celebra em suas páginas momentos de Prestação de Contas da Diretoria que sai, com outros de projetos e expectativas de trabalho daquela que entra. Nesse ínterim reflete um instante de orgulho para todos nós, docentes desta Universidade, qual seja aquele da inauguração da nossa Sede Própria. Nossa sim, como bem expressa a placa comemorativa da inauguração: *Adunicamp - Sede Própria: obra dos Docentes da Unicamp*. É isso aí: não de uma diretoria mas de todos aqueles que, ao longo da história da Unicamp e da *Adunicamp*, dedicaram um tempo de suas vidas para fazê-las respeitadas e fortes.

Pois a Diretoria recém empossada, que estampa em sua Carta-Programa seu compromisso de luta Por Uma Universidade Forte, mal chegou e já teve que arregaçar as man-

gas e arremeter-se contra as ações da Reitoria que, alheia à imperiosa necessidade de dialogar com as entidades representativas dos distintos segmentos de nossa comunidade acadêmica, exorbitou na hora de conce-

der um abono — disfarçado em Prêmio Extra de Incentivo à Produtividade — que jogava para o alto o princípio da isonomia tanto no pertinente à relação inter Universidades quanto no concernente à seus corpos internos, na medida em que discrimi-

nava os aposentados — não os contemplando — e os funcionários, a esses últimos imputando índice inferior aos docentes.

Depois de dias de ânimos exaltados — em

um dos quais assistimos uma concorrida sessão do CONSU repleta de intervenções contundentes contrárias ao ato da Reitoria — os professores e demais funcionários aposentados desta Universidade, organiza-

dos em suas ações pela *Adunicamp* e STU, lograram dar um exemplo de capacidade de articulação e mobilização que culminou por forçá-la a corrigir o equívoco inicial, levando-a a resgatar — em medida comunicada à comunidade universitária dia 5 do cor-

rente mês — o princípio e direito atingidos anteriormente.

Desses recentes acontecimentos resta-nos a lição de que somente o diálogo alicerçado no respeito entre as partes poderá fundamentar ações comuns voltadas para a defesa da Universidade Pública, Gratuita e de Qualidade, em um momento em que ela — mais do que em passado recente ou remoto — sofre ataques desmedidos e destemperados de setores que defendem — não importa com que ânimo — o esfacelamento do Estado brasileiro e dos serviços públicos por ele prestados.

Por fim — mas nem por isso menos significativo — fica o nosso voto de que momentos felizes sejam vividos por todos nós nestas festas de fim de ano e a convicção de que saberemos renovar nossas esperanças de materializar nossas utopias no ano que se aproxima.

Somente o diálogo alicerçado no respeito entre as partes poderá fundamentar ações comuns voltadas para a defesa da Universidade Pública, Gratuita e de Qualidade.

EXPEDIENTE

Diretoria:

Lino Castellani Filho, presidente; Nélon Rodrigues dos Santos, 1º vice-presidente; Osmar de O. Marchese, 2º vice-presidente; Wilmar da Rocha D'Angelis, 1º secretário; Maria Elisabete S. Tocchini, 2º secretário; Alba Regina Monteiro S. Brito, 1º tesoureiro; José Luiz A. de O. Sousa, 2º tesoureiro; Regina Maria de Souza, diretor administrativo; Carlos R. de Souza, diretor de imprensa; José Roberto Zan, diretor cultural.

Adunicamp - Associação de Docentes da Unicamp
Cidade Universitária "Zeferino Vaz"
Telefone (019) 239-1148/239-8152

Jornal *Adunicamp* - Dezembro/1996

Editor: Marcos Luiz Cripta vd; Assistente de redação: Roseli Coutinho dos Santos; Projeto gráfico e editoração eletrônica: Luís Ricardo Câmara; Fotografias: Centro de Comunicação da Unicamp e Beeroth de Souza; Ilustração: Maringoni; Revisão: Jamilya Natour; Distribuição: Maurício Lopes e Roberto Munhoz. Tiragem 4.000 exemplares. Distribuição gratuita.

O *Jornal Adunicamp* é uma publicação da Associação de Docentes da Universidade Estadual de Campinas, destinado aos associados. Os artigos assinados não refletem necessariamente o pensamento da diretoria da entidade e são de responsabilidade dos autores.

Essa edição foi fechada na redação dia 11 de dezembro de 1996.

POLÍTICA EDUCACIONAL

O governo quer acabar com a universidade

Sergio Silva

A pesar de relativamente nova, a Unicamp certamente já conseguiu preencher muitos requisitos para fazer jus ao seu título de universidade. Construir uma universidade é não somente um trabalho longo, mas também difícil, com muitos problemas para enfrentar. Problemas que existem há muito tempo, que já existiam muito antes da Unicamp. São conhecidos os problemas que as universidades da América Latina enfrentaram: intervenções diretas e abertas dos governos, invasões do campus por tropas militares, prisão de professores, alunos, funcionários.

A autonomia universitária transformou-se num símbolo de liberdade: liberdade de pensamento e liberdade política também. A autonomia ganhou uma conotação física: a inviolabilidade de um certo espaço, a defesa do campus como território livre.

As universidades brasileiras não estiveram ao abrigo destes atentados à autonomia universitária. Em décadas recentes, durante os governos militares, eles aconteceram várias vezes. Os mais velhos devem lembrar-se do cerco à antiga Universidade do Brasil, na Praia Vermelha, da invasão da residência dos estudantes da USP, ambas seguidas de muitas prisões; devem lembrar-se das muitas demissões e prisões de professores universitários.

A Unicamp, embora criada durante um governo militar e, durante muitos anos, dirigida por um Reitor com grande prestígio entre altas patentes militares, também teve os seus problemas. Aqueles que já estavam aqui em meados dos anos 70, lembram-se disso. A Unicamp, talvez pela sua própria criação mais recente, não sofreu tanto como a USP e outras universidades mais antigas, mas a defesa da autonomia universitária está gravada em todos

nós, herdeiros da tradição universitária brasileira, latino-americana, mundial.

Os Estatutos da Unicamp estabelecem a autonomia como o fundamento primeiro de suas atividades. Autonomia de ensino e pesquisa - suas atividades centrais - e as indispensáveis autonomias correlatas, autonomia administrativa e financeira. Esta última, como todos sabem, foi alcançada bem recentemente. Os governos sabem muito bem que, sem ela, não somente a autonomia administrativa, mas também a autonomia de ensino e pesquisa são comprometidas.

Como todos podem acompanhar, através dos jornais, de informações da Reitoria e da Associação de Docentes - a Adunicamp -, a autonomia financeira da Unicamp, assim como das demais universidades públicas paulistas, é ainda muito frágil. Apoiada num simples decreto governamental, vinculada a um tributo que pode acabar a qualquer



momento (com a prometida Reforma Fiscal, por exemplo) e que se constituiu em alvo fácil para manobras mais ou menos vergonhosas dos governos federal e estadual.

Mas eu gostaria de destacar aqui, de forma especial, como idéia central desse texto, que os governos, já há algum tempo e cada vez mais, organizam os seus ataques à universidade sob novas e variadas formas; que essas novas e variadas formas fazem parte de um ataque dos governos à autonomia universitária como um todo; e, finalmente, que esse novo ataque visa transformar radicalmente a universidade ou, para ser bem claro sobre o que penso, visa acabar com a universidade enquanto tal. Sem retirar-lhes o título, sem dúvida uma “marca de prestígio”, mas retirando-lhe todo o seu conteúdo.

Para mim, esse é o problema maior da universidade brasileira, em geral, e da Unicamp, em particular. No caso da Unicamp, esses novos problemas são enfrentados praticamente desde a sua fundação. A Unicamp se constituiu apesar desses ataques, convivendo com eles.

Infelizmente, apesar de todo o meu otimismo brasileiro, não me sinto em condições de dizer que os problemas antigos – os militares no campus, as prisões, as intervenções diretas em geral – estão totalmente afastados. Mas a história mostrou que, de uma forma ou de outra, apesar de todas as cicatrizes, a universidade parece ter resistido a esses tipos de ataque.

A questão agora é: ela resistirá aos novos ataques do governo? Mais uma vez, devo dizer: infelizmente, não tenho certeza. Eles atingem, ao mesmo tempo, todos os flancos da autonomia da universidade, para destruírem o seu núcleo, aquele núcleo invisível e difícil mesmo de definir, que faz da universidade algo mais e, sobretudo, algo muito diferente de um simples conjunto de escolas e laboratórios de pesquisa.

Aquele núcleo que faz da universidade um dos pilares, o pilar acadêmico, por vezes, a única sustentação da vida e da cultura intelectuais de toda uma região, de toda uma nação; que faz da universidade uma das fontes, por vezes a mais importante, da reflexão sobre os

problemas fundamentais da existência humana, da vida em sociedade, das relações entre os seres humanos, das relações entre os seres humanos e a natureza à qual eles pertencem e, *last but not least*, das relações entre o ser humano e o seu próprio conhecimento, o conhecimento da natureza em geral e o conhecimento de si próprio.

São as pessoas que se dedicam a tais reflexões que a sociedade, ao longo de todo um processo histórico, decidiu entregar uma parte dos seus recursos, uma parte das pesquisas que julgam indispensáveis à sua vida e também a instrução superior de seus filhos (ou, pelo menos, os filhos das famílias socialmente privilegiadas).

É isso a universidade, muito mais do que o MEC exige para distribuir generosamente esse título a simples

uma das formas de ataque à universidade; segundo, ela não destrói necessariamente uma universidade ou, pelo menos, concretamente, ela não destruiu muitas universidades; terceiro, os ataques que enfrentamos agora, outras formas de ataque, podem muito bem acabar com a universidade.

É uma ilusão terrível pensar que a universidade (a universidade de verdade, cujo núcleo, cujo coração tentamos indicar aqui) é a única forma de garantir seja a pesquisa, seja o ensino superior. É uma forma encontrada pela história, pelos homens, em sua história. A história, os mesmos homens, ou melhor, outros homens, com outras idéias, outros interesses, podem também acabar com ela. E aqui, entramos no centro da idéia que trago para o debate.

Muitos dirigentes políticos do

um “mestrado”, um simples doutorado, com tantas reflexões sem resultados práticos.

Como todos já perceberam, os nossos atuais governantes estão completamente convencidos dessas idéias e dispostos a tudo para levá-las adiante; se depender deles, levá-las até o fim, acabar com a universidade. Transformar as universidades brasileiras em simples conjuntos de unidades de ensino e pesquisa “modernas”, “adaptadas às exigências do mercado”, da “globalização”.

E, para isso, detalharam os seus objetivos, fixaram toda uma série de parâmetros de “qualidade” (ridiculamente quantitativos), destinados a nos obrigarem a seguir o caminho da não-universidade, da falsa universidade, sob a ameaça de diversas penalidades e sob os apupos da grande imprensa. Mais produtividade! Vamos trabalhar, senhores! Chega de folga!

Quais as consequências da noção de estruturas dissipativas? Que idéia, pelo amor dos meus filhinhos! Você já escreveu quantos artigos este ano? De quantas páginas? Não esqueça de indicar a primeira e a última página, porque a CAPES não aceita mais embromação. Está difícil, escolha um assunto mais simples. Quantos alunos você está orientando, quantas dissertações e teses foram defendidas sob a sua orientação? Você aí, pensando na relação entre conceito e objeto, vamos lá, mais uma aulinha! E vamos aumentar essas turmas, hein?

Estou mentindo? É isso ou não é isso, exatamente isso, o que estão fazendo conosco? E vale tudo. Outro dia, o Ministro da Educação (que a grande imprensa, de repente, como por encanto, resolveu promover) chutou numa entrevista: não tem lugar do mundo onde professor universitário dê apenas seis horas de aula por semana. Se não estivermos atentos às técnicas do marketing político, ficaremos atônitos. Como ele foi dizer isso? Todos nós sabemos que não é verdade. Mas ele estava falando para o público “classe B”, explorando os baixos instintos do público “classe A” (se derem menos dinheiro para a universidade, talvez seja possível sonegar mais impostos). Vale tudo.

A questão agora é: ela (a universidade) resistirá aos novos ataques do governo? Mais uma vez, devo dizer: infelizmente, não tenho certeza.

Eles atingem, ao mesmo tempo, todos os flancos da autonomia da universidade, para destruírem o seu núcleo, aquele núcleo invisível e difícil mesmo de definir, que faz da universidade algo mais e, sobretudo, algo muito diferente de um simples conjunto de escolas e laboratórios de pesquisa.

conjuntos de unidades de ensino, organizadas de tal forma e apoiadas em interesses tais que excluem de forma praticamente integral a possibilidade dessas reflexões e, evidentemente, de qualquer forma de ensino e pesquisa guiada por essas reflexões.

É isso que chamamos de universidade, é isso que a história batizou de universidade. E é para garantir a sua existência que a universidade exige autonomia. Porque ela não pode existir como universidade, dedicada e orientada por essas reflexões fundamentais, sem autonomia em relação aos governos ou quaisquer outras instituições ou pessoas que eventualmente controlem os seus recursos ou se digam seus donos.

Não quero subestimar os efeitos de uma invasão militar de uma universidade, mas peço licença para insistir: primeiro, essa é apenas

nosso tempo, muitos setores da alta burocracia de Estado e, inclusive (não adianta esconder isso), muitos de nós, universitários, não só no Brasil, mas especialmente no Brasil, estão firmemente convencidos de que essa não é mesmo a melhor forma de cuidar da pesquisa e do ensino superior.

Estão convencidos de que existem formas mais “modernas”, mais “práticas”, mais “produtivas”, mais “adaptadas ao mundo de hoje”. Alguns se sentem tão seguros que até acrescentam, sem medo de dizerem uma barbaridade (no sentido estrito do termo), que existem formas “mais baratas” do que a universidade “tradicional”, que tantos recursos desperdiça com seus estudos que parecem e não têm mesmo fim, com tanto tempo perdido para preparar uma “aulinha”, para orientar

Sou obrigado a discordar de muitos colegas, muitas vezes cheios de boas intenções, que vêm na chamada auto-avaliação - isto é, uma avaliação feita pela própria universidade - uma forma eficaz de enfrentar esse problema. Só se for uma avaliação diferente de tudo o que tenho visto até agora. Realmente não vejo a vantagem de fazermos nós mesmos o que a CAPES, o CNPq e o governo em geral querem fazer conosco.

Podê ser que muitos de nós, por inércia, mania, obsessão, continuem a se dedicar à reflexão acadêmica, a pesquisas realmente acadêmicas, de interesse fundamentalmente acadêmico, e continuem a orientar o conjunto de suas atividades pelas reflexões assim desenvolvidas, de tal modo que elas se mantenham de fato como atividades universitárias, acadêmicas, intelectuais (no sentido forte do termo). Mas eu não acredito que esse procedimento se mantenha de forma significativa entre os professores que deverão fazer a sua carreira universitária submetidos a toda essa pressão.

Como esperar que eles não escolham o programa e a matéria dos seus cursos, o tema e objetivos de seus artigos e pesquisas, e das pesquisas de seus alunos e orientandos, de acordo com critérios mais "práticos", que dêem uma atenção cada vez maior a pesquisas mais "aplicadas", a assuntos de maior visibilidade, que possam ser produzidos em prazos mais curtos, se é isso que a CAPES, o CNPq e a própria universidade está lhes pedindo ou mesmo lhes impondo?

Agora, com esse famigerado Provão, também devemos esperar que, progressivamente, os diferentes cursos, as diferentes disciplinas se tornem cada vez mais práticos. O que interessa ensinar? O que pode cair no Provão, é óbvio! E depois de tantos e tantos anos de experiência com o Vestibular, ninguém tem o direito de desconhecer que se pode muito bem montar cursos totalmente orientados por esse tipo de exame.

A ajuda que o governo deu aos colégios particulares, destruindo os colégios públicos, já está em marcha para a universidade. Se o Provão tiver o sucesso do Vestibular, da mesma forma que os cursinhos dominaram o secundário, os cur-

sões dominarão o ensino superior: cursões das falsas universidades, que se promoverem com o tal ranking, ou cursões das antigas universidades, que se transformarem em falsas universidades, para se manterem no ranking.

Aos poucos, durante os governos militares, as instituições de financiamento à pesquisa foram assumindo um papel de controle cada vez mais direto das atividades das universidades, tanto em pesquisa, quanto no ensino de pós-graduação. O Provão é novidade, porque ataca a graduação. Ao mesmo tempo em que a estrutura de decisões das universidades se abria para a participação de todos os docentes, do corpo discente e dos funcionários, o poder de decisão ia passando para fora das universidades.

Um poder de decisão que, muitas vezes, diz respeito apenas a uma par-

gias para acabar de fechar o cerco e transformar definitivamente as universidades em executoras da política geral de ensino e pesquisa "moderna", do "mundo global", defendida pelo governo.

Cenário pessimista? Muito realista? A Unicamp, que cresceu dentro desse processo, conseguiu realmente ser uma universidade? Ainda é uma universidade? Terá forças para se manter como uma universidade? Terá forças para não se transformar numa falsa universidade, numa não-universidade? Será que, daqui a alguns anos, teremos que explicar aos nossos netos por que a universidade tem esse nome? Que, tempos atrás, numa tradição que nasceu na Idade Média... Será que os nossos netos, pelo menos, nos perguntarão isso?

Não sei responder a nenhuma dessas perguntas. Nem tenho ne-

Os nossos governantes estão convencidos de que o mundo, sem a universidade tradicional, com os professores regidos pela qualidade quantitativa, será um mundo melhor. Guardaram de sua história universitária apenas um certo elitismo e um encantamento, talvez ingênuo, mas certamente trágico, com tudo que lhes parece moderno.

te relativamente pequena dos recursos gastos nas universidades. Mas recursos decisivos: aquele delta suplementar que viabiliza a pesquisa, a aquisição de equipamentos essenciais. Todos nós sabemos a importância que tem hoje conseguir um lugar no alto escalão ou na assessoria permanente dessas instituições de financiamento. Provavelmente, mais importante do que a chefia de um departamento, talvez mais que a direção de um instituto ou faculdade.

Hoje, os parâmetros definidos no trabalho de controle dessas instituições já foi ou está sendo internalizado pelas próprias universidades, a ponto dessas próprias instituições já estarem passando para um outro nível, repassando parte desse controle - apenas no que se refere à sua execução, é claro - para as próprias universidades, enquanto concentram as suas ener-

nhum programa de luta para evitar isso tudo, que eu considero realmente como uma catástrofe não somente para nós, universitários, mas para todos. Se me permitem: uma catástrofe para o ser humano. Os nossos governantes estão convencidos de que o mundo, sem a universidade tradicional, com os professores regidos pela qualidade quantitativa, será um mundo melhor. Guardaram de sua história universitária apenas um certo elitismo e um encantamento, talvez ingênuo, mas certamente trágico, com tudo que lhes parece moderno.

Mas, se eu pudesse fazer alguma proposta, própria que começássemos alguma coisa aqui mesmo, na Unicamp, convencendo os nossos colegas sobre a necessidade de defender a universidade; questionando as prioridades da Unicamp, os fundamentos do seu sistema de

avaliação, a imagem que a Unicamp tenta construir de si própria através da imprensa; tentando rever as nossas relações com as instituições de financiamento, tentando evitar que os nossos colegas se deixem envolver pelo canto dessas horrendas sereias, obrigando-as a considerar também a razão nem sempre muito prática, muitas vezes necessariamente distraída, descomprometida e sempre independente, crítica, da universidade.

E nisso, a nossa Associação de Docentes, a Adunicamp, pode desempenhar um papel fundamental.

A autonomia da universidade não foi feita para que ela seja contra o governo. Nem a favor do governo. Foi feita para que ela seja independente, crítica, porque isso é simplesmente indispensável ao trabalho acadêmico, voltado para objetivos que certamente pouco têm a ver com os objetivos dos governos, por melhores que sejam. Mas os governos piores, como o que enfrentamos agora, têm objetivos por demais conflitantes com os da universidade.

Antes, mandavam uns soldados para nos vigiar ou mesmo para nos prender. Agora, descobriram que podem nos usar de forma útil. Afinal, a produção agora não está fundamentalmente apoiada na ciência e na tecnologia? Então, nós podemos, finalmente, ser úteis. Os nossos ex-colegas sabem como nos fazer trabalhar de forma útil.

Não faltam razões para sermos contra esse governo. A defesa da universidade é uma delas. E é nossa, especificamente nossa, do nosso feitio, universal, democrática, humanista. E se, por acaso, os nossos netos nos perguntarem, poderemos dizer: nós defendemos a universidade.

Artigo preparado com base em trabalho apresentado na mesa redonda "Retrospectiva e Perspectiva da Unicamp" do Seminário *Unicamp 30 anos*, realizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas sobre o Ensino Superior (GEPES) da Faculdade de Educação da Unicamp, em 4 de dezembro de 1996.

Sergio Silva é ex-presidente da Adunicamp e professor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

Inauguração da nova s

Cerca de 250 pessoas, entre docentes, funcionários e representantes de entidades a de inauguração de sede própria da Adunicamp. A mesa foi composta pelo reitor José Vitório Zago, Paulo Renato Costa Souza (atual Ministro da Educação e ex-reitor), Roberto Teixeira Mendes, Helena Costa Lopes de Freitas, Adolpho Hengeltraud da Adunicamp, Lino Castellani Filho e Luís Carlos Guedes Pinto, que até então p da história da Entidade, publica nestas cinco páginas os principais trechos dos dis

◆ José Vitório Zago

Gostaria de lembrar que, os tempos eram duros em 1977. Não tão duros como nos anos anteriores, mas ainda duros. O Wladimir (Herzog) tinha sido assassinado em 75; em 76, o Manoel Fiel Filho foi assassinado e, ainda naquele ano, os companheiros do PC do B foram mortos no que se classificou de “chacina da Lapa”. Então, os tempos eram muito duros e a Adunicamp surgiu neste contexto de anseio pela redemocratização do país. Mas se os tempos, naquela época, eram duros, acho que hoje também o são. Esse país é um país a se construir; precisamos de escolas, muitas; precisamos de hospitais; precisamos de infra-estrutura; muita gente morrendo no campo, lutando por um pedaço de terra, enquanto muita terra está sendo ocupada por gado; o desemprego graça solto; esse governo do Fernando Henrique Cardoso, Presidente saído do nosso meio, escolhe o funcionalismo público como alvo de ataque e chega a dizer que no funcionalismo público está cheio de parasita. Eu acho que aqui, nesta Universidade, não tem nenhum parasita. Eu acho que o presidente da República, como ex-professor, jamais deveria fazer isso. A Universidade é o setor que mais resiste a esse ataque neoliberal que acabou com a saúde e com a previdência. O ministro da Previdência diz que existe um monte de privilegiado e ninguém nessa imprensa burguesa diz que ele é um deles, que se aposentou com 45 anos e se aproveitou de tudo o que tem na lei para se aposentar. Este é, realmente, um país de excluídos, é um país de desigualdades. Muita gente querem

do se aposentar e não pode; muita gente fazendo hora extra para ganhar um pouco mais de dinheiro; milhares e milhares de jovens querendo se empregar e a política econômica que privilegia os bancos – R\$ 14 bilhões para dois ou três bancos, inclusive o da nora do Presidente – e a juventude entrando no vício, entrando na droga, entrando no álcool por falta de perspectivas. Trata-se, portanto, de uma política de terra arrasada. Felizmente vivemos num regime que podemos dizer isso com uma certa segurança, sem ter medo de represálias. Existem sindicatos fortes e eu acho que o sindicato dos trabalhadores da Unicamp é um deles e a Adunicamp é outro. Mas, os tempos são tão duros que eu digo: se a Adunicamp não existisse, a situação justificaria a fundação dessa nossa associação. Acho que a Universidade e a Adunicamp são espaços democráticos. Porém, penso que a Universidade não deveria cultivar o consenso; ela deveria cultivar o dissenso, cultivar o diálogo. Nesse sentido, acho que um dos espaços de diálogo é exatamente este espaço da Adunicamp.

◆ Paulo Renato Costa Souza

Estão aqui todos os ex-presidentes, grande parte das ex-diretorias – que muitas vezes eram mais importantes que os presidentes ou tão importantes quanto – e eu gostaria de destacar que, vindo hoje pra cá, lembrava com uma certa emoção e com uma certa saudade alguns momentos e alguns fatos do início da nossa entidade que hoje contrastam com o que nós estamos vivendo. Lembro que tínhamos uma sede no pavilhão da Matemática – um



Ex-presidentes da Adunicamp, o ex-reitor Carlos Vogt, o atual reitor José

pavilhão de madeira onde chovia dentro –, na verdade uma sala que não dispunha sequer de máquina de escrever. Não tínhamos nem mesa, nem telefone. Os investimentos físicos que fiz, naquele momento, foram a compra de móveis usados e uma linha telefônica. Aquilo foi uma coisa que deu nova possibilidade de atuação para a Entidade. Aquela gestão, eu acho, marcou coisas importantes. Foi uma gestão em que procuramos desenvolver um trabalho coletivo; chamamos a Diretoria de “Diretoria ampliada da Adunicamp”, onde eram bem vindos todos que queriam colaborar, todos que queriam

dar alguma opinião ou contribuição para o desenvolvimento do trabalho. Nós procuramos consolidar a Entidade e tivemos um avanço muito importante no processo de democratização da Universidade ao ter realizado a primeira consulta para a escolha do Reitor. Ela foi realizada pela entidade e desencadeou um processo que levou à implementação de lei federal específica. Naquele momento éramos realmente pioneiros em desenvolver aquele trabalho. Foram momentos muito importantes da vida da Entidade e da vida da Universidade. A proposta que nós colocamos desde o início era a de desenvolver um

ADUNICAMP

Sede reúne 250 pessoas

acadêmicas e sindicais, participaram, dia 14 de novembro, da solenidade e do coquetel José Martins Filho, pelo ex-reitor Carlos Vogt e pelos ex-presidentes da Adunicamp, (ex-reitor da Unicamp), Eliézer Rizzo de Oliveira, Hermano de Medeiros Tavares, e José Ricardo Figueiredo. Também fizeram parte da mesa, o novo presidente que presidia a Entidade. O **Jornal Adunicamp**, com o propósito de resgatar um pouco dos cursos das personalidades que fizeram parte da mesa de inauguração da nova sede.



Martins Filho e o atual presidente da Entidade fizeram parte da mesa.

trabalho pela qualidade da Universidade e acredito que atuamos nesta direção. Tivemos influência significativa nos rumos da Universidade naquele momento. Quero, portanto, agradecer por esta oportunidade. Eu não tenho, normalmente, podido participar de um ato público sem ser Ministro, sem ter que responder ao Zago, sem ter que discutir o "provão". Enfim, é uma situação um pouco surreal, mas importante na vida do Ministro.

◆ Eliézer Rizzo de Oliveira

Lembro que o período 81/83 foi angustiante, difícil e especialmente

rico para a Unicamp. A gestão que presidi foi marcada por um momento de profunda unidade da Universidade contra a intervenção do governador Paulo Maluf. Creio que foi um dos momentos mais ricos em todos os sentidos: de congraçamento pessoal, de resistência contra uma intervenção externa e de uma consciência claríssima de que tínhamos de vencer em todos os níveis. Vencer academicamente, vencer na mobilização dos apoios externos à Unicamp, no país e no exterior, e vencer na Justiça. Creio que conseguimos. Foi um momento efetivamente bonito e difícil. Difícil porque, ao nos encontrarmos com as costas no mu-

ro com a agressão recebida, a unidade se estabelecia de uma maneira quase automática, e difícil perante as alternativas de saídas. Mas creio que desse momento a Universidade ganhou um grande impulso, inclusive por uma razão muito forte: na gestão do professor Pinotti, o Paulo Renato foi o seu auxiliar, seu assistente, no início da institucionalização da Universidade. E vale lembrar, a Adunicamp respondeu sozinha, porque os funcionários, por razões específicas, e os estudantes por outras razões, não participaram dessa institucionalização. Nesse sentido, é sintomático que tenham passado pela Adunicamp pessoas que hoje têm funções importantes como, por exemplo, ex-reitores, reitor, ministro, e tem diversos colegas que estão desempenhando funções no plano do Estado. Isso se dá porque as nossas funções aqui dentro são tão importantes quanto.

◆ Hermano de Medeiros Tavares

Eu não peguei tempos tão bichudos, nem tão heróicos quanto aos que os colegas que me antecederam relataram. E também num certo comedimento em não gastar o tempo de todos, gostaria de exprimir à atual Diretoria o pensamento que eu creio que é de todos os docentes, ou seja o de reconhecimento pelo esforço na construção e inauguração desta sede. Está de parabéns a atual Diretoria por esta obra que representa um marco na vida da Adunicamp. Muito obrigado.

◆ Roberto Teixeira Mendes

É uma honra muito grande pra mim estar nessa mesa como ex-pre-

sidente da Adunicamp, não só como colega dessa quantidade enorme de pessoas capacitadas na área acadêmica e administrativa, mas principalmente pela capacidade da Adunicamp de aglutinar não só os anseios da comunidade acadêmica, mas interesses que transcendem a própria Universidade. Isso é uma coisa notável e, por outro lado, molda a característica de entidades democráticas como a Adunicamp. A questão importante que eu queria chamar a atenção é a seguinte: eu era um docente recém contratado, não titulado, um professor que foi convidado a participar da Diretoria mais pela militância ou a intenção de militância. Para mim era uma situação muito difícil como novo docente na Universidade ser empossado presidente dessa Associação que é, pode se dizer, muito importante. É aí que a gente percebe a solidariedade dos colegas e o apoio que permite que nós conduzamos os anseios daqueles que confiaram em nós. A Adunicamp permitiu isso. Eu posso dizer que eu teria sido um vetor da vontade dos docentes e a Diretoria atuando perfeitamente como coordenadora desses anseios. Nós também passamos momentos difíceis, momentos de basicamente de reivindicação salarial e que possibilitou mudar um patamar de discussão sobre a questão salarial docente e do próprio funcionalismo. E mais, permitiu, com certeza, que chegássemos à autonomia universitária; aquela que foi, na verdade, assinada ou pactada pelo professor Paulo Renato, quando Reitor. Eu considero que essa movimentação da Associação, embora ela não apreça claramente como uma questão importante para a autonomia conquista-

da, a Associação Docente teve um papel importante na maneira como se comportou politicamente nos movimentos de reivindicação e na maneira como se dirigiu a própria Assembléia Legislativa ao governador, mesmo havendo divergência sobre a forma final da autonomia. Uma outra questão que demonstra a maneira como a Associação se porta com relação às questões dos anseios da Universidade, não só do ponto de vista da política mais sindical, foi que na própria gestão do professor Paulo Renato, quando foi assinado um convênio que permitiu que se implantasse essa enorme rede de microcomputadores. Foi a primeira vez que isso foi feito numa Universidade brasileira. Foi pioneiro o acesso dos docentes à informática no seu local de trabalho por intenção do docente e pela intermediação da Universidade. Eu queria deixar registrado também que esse espaço da Associação deve ser ocupado pelos docentes independente de sua titulação. Essa convivência entre os professores mais experientes e os professores que vêm chegando é uma coisa fundamental.

◆ Helena Costa Lopes de Freitas

Eu estou entendendo, como vários dos colegas que antecederam, que quando nós estamos sendo homenageados, na verdade não é só a Diretoria, mas sim todos os colegas, todos os companheiros, todos os professores e todos os funcionários que viveram, naquele momento histórico, as nossas lutas e que par-

ticiparam ativamente de todos os encaminhamentos da Associação. As nossas duas gestões se desenvolveram num momento particular da vida da Universidade e inclusive era Reitor naquela época o professor Paulo Renato. Tivemos, naquele momento, a luta em defesa da Universidade. Começou com a greve de 88, que durou 82 dias, e logo após nós tivemos, em 89, assinado pelo governador Quéricia, o decreto da autonomia. Poderia parecer que o movimento fosse parar por aí, mas, na verdade, o próprio movimento em defesa da Universidade continuou e continua até hoje com a discussão em relação ao percentual que vem para as Universidades. Eu acredito que essa luta em defesa da autonomia da Universidade não tem prazo para terminar; ela não se esgotou com o decreto da autonomia. Embora muitos digam que estamos em outros tempos, que a modernidade e a contemporaneidade trazem novos desafios, acredito que muitos daqueles desafios que nós enfrentamos ainda estão presentes. Vou aproveitar a dica e a deixa que o professor Paulo Renato nos deu em relação ao "provão". Acho que essa questão está na ordem do dia para a Universidade, assim como está na ordem do dia a discussão da avaliação da Universidade. Parece-me que as lutas que a Adunicamp terá que enfrentar daqui para frente, continuam nesta direção da autonomia da Universidade, porém com outra característica, com novas formas de enfrentar as investidas que nós temos obser-

vado, tanto internamente em nível de país, como de alguns ditames que estão sendo colocados por agências financiadoras externas, mais especificamente no caso do Banco Mundial, e que nós sabemos que afetarão certamente a vida da nossa Universidade.

◆ Adolpho Hengeltraub

Vou aproveitar a oportunidade que o Paulo Renato deu e me dirigir apenas aos colegas, não ao Ministro nem ao Reitor. Já se falou muita coisa e eu até já fiz a minha lista da Diretoria, mas me arrependi e não vou citar os membros da Diretoria porque ninguém preside a Adunicamp. Somos membros de uma Diretoria que trabalha duro, coesa, e eu até acho que o Hermano foi super otimista em dizer que ele não pegou tempos bicudos. Ele talvez não tenha pego tempos muito bicudos, mas todo mundo pegou tempos bicudos de uma maneira ou de outra. E mais, conseguimos enfrentar essas situações graças a uma Diretoria que age coesa, unida, e que em geral tem o respaldo, ou pelo menos tem o interlocutor que é o Conselho de Representantes. A gente se chateia, às vezes, porque pouca gente comparece; mas aqueles que comparecem são valorosos e então a gente tem um grupo grande, na verdade, de pessoas que tornam possível tocar a vida de uma entidade grande como é a Adunicamp. Vou citar o Sérgio Silva que, na cerimônia de posse, quando ele estava passando a Direção da Adunicamp para a minha Diretoria, disse que achava que a Adunicamp é uma esquina da Universidade; que é o lugar onde as pessoas param para conversar, para trocar idéias, enfim, para bater um papo livre da vestimenta acadêmica. Acho que é assim e por isso resolvi não destacar nomes porque eu acabaria sendo injusto. Vejo, na platéia, não só ex-diretores, ex-membros do Conselho de Representantes, mas outros militantes que não tinham um cargo, que não tinham um mandato, mas que sempre participaram regular e valorosamente da vida da Entidade. Acho, portanto, que todas as Diretorias enfrentaram suas lutas mais, às vezes menos, bicudas. Lembro

que durante a nossa gestão estava em discussão a Lei de Patentes, que exigiu um tempo imenso de trabalho; e enfrentávamos uma época de grande inflação, além da questão salarial, que continua presente. O Lino, que está na eminência de tomar posse com a sua Diretoria, vai ter que pegar essas questões também; vai ter de sentar em frente ao professor Martins e discutir essas questões e veicular freqüentemente os anseios da comunidade. Queria dizer, ainda, que o peso das responsabilidades foi menor do que a gratificação do trabalho feito em boa companhia, em particular do professor Marco Brinati (atual presidente da Adusp) com quem nós também contamos. Fomos colegas do mesmo lado, sentados à mesa com o Cruesp, discutindo essas questões. Acho que o somatório é positivo, quer dizer, a gente carrega pedra mas sai satisfeito.

◆ José Ricardo Figueiredo

A nossa gestão teve alguns fatos marcantes; penso que todos se lembram da greve, quarenta e poucos dias de uma greve que terminou com um avanço inusitado nas relações estritamente trabalhistas entre professores, funcionários e reitoria, quando houve um compromisso dos reitores e que representou, ao longo do segundo semestre de 94, um incremento substancial nos salários. Essa paralisação não foi só da Unicamp – eu estou vendo aqui membros da Adusp – e queria fazer uma breve menção a esse aspecto. A Adunicamp se beneficiou muito da existência do Fórum das Seis Entidades e eu queria prestar um agradecimento a esses colegas com quem aprendi muito. Além daquele movimento que incluiu também um SOS Universidade; além daquele movimento bem imediato pra gente, houve durante a nossa gestão uma preocupação muito grande com relação ao aspecto que abarcava o conjunto das tais reformas constitucionais e que, naquela época nós nos posicionamos – toda a Diretoria – claramente contra o conjunto das reformas constitucionais. O que eu quero dizer agora, é que não vejo razão para ter mudado de idéia. As reformas que vieram, representaram no geral, abolição de



Orquestra de Câmara do Instituto de Artes da Unicamp.

direitos dos trabalhadores, particularmente para o servidor público, e talvez até mais grave, a alienação do patrimônio público de uma forma abjeta através das privatizações. A atual estabilidade monetária vem justificando muita coisa, mas ela não justifica ou não serve como exemplo da qualidade das tais reformas constitucionais. O risco que nos ameaça agora, e também futuramente, é a privatização do setor mineral. É essa alienação que está programada para 1997 vai tornar o país ainda menos capaz de se lançar no caminho de desenvolvimento verdadeiro. Então, a Adunicamp teve, ao longo de toda a sua história, uma atuação importante não só pela questão democrática, não só pela autonomia da Universidade, não só pelo ensino público gratuito, mas também por outras questões de interesse geral. Entendo como prioritário a continuação desta luta que é uma luta para resgatar uma palavra antiga: Patriotismo.

◆ Lino Castellani Filho

Eu não poderia deixar passar a essa oportunidade, a primeira que eu tenho após a eleição, de tornar público meus agradecimentos pela confiança depositada em mim e nos demais companheiros que compõem comigo a Diretoria da Adunicamp para o próximo biênio. Quero, também, expressar e ratificar o nosso compromisso já manifestado durante a nossa campanha. Para tanto, vou me valer de uma palavra trazida nesse momento pelo Zago, quando referiu-se à necessidade de, na possibilidade da não existência da Adunicamp, de a criarmos nesse momento. Então, o nosso compromisso é de estarmos sempre atentos à necessidade de refundarmos a Adunicamp em nosso cotidiano, em cada gesto, em cada ação, em cada ato. Vamos sempre “refundar” a esperança na nossa capacidade de luta; na nossa capacidade de viabilizarmos no dia a dia as nossas utopias. Não preciso dizer que, para que isso se torne possível, todos aqui presentes e todos aqueles que não puderam estar aqui, precisam estar conosco nessa empreitada. Agradeço a oportunidade. Obrigado pela confiança depositada em mim e em toda a nossa Diretoria.

◆ Carlos Vogt

Gostaria de agradecer a gentileza do professor Guedes pelo convite e pela lembrança do gesto que fizemos juntos com a Adunicamp ao assinarmos o comodato do terreno que possibilitou a construção desta nova sede. Gostaria de lembrar, ainda, que neste mesmo ato cedemos, em comodato, um terreno para a ASSUC, que depois transformou-se no STU (Sindicato dos Trabalhadores da Unicamp) com o mesmo propósito e o mesmo objetivo. Estou satisfeito porque convivi, enquanto Reitor, com alguns dos ex-presidentes aqui presentes e mantivemos sempre um desacordo elegante quanto a posições. Procuramos discutir as questões que premiam à comunidade e é claro a questão de fundo: a salarial. Tivemos um relacionamento produtivo no que diz respeito à questão da consolidação da autonomia que foi uma conquista de toda a comunidade e constituiu-se num paradigma que hoje nos leva exatamente à preocupação das modificações e perda que isso pode sofrer. Mas, nos leva também a nos juntarmos constantemente na defesa daquilo que é certamente um dos maiores bens que o sistema universitário público conquistou. Penso que a nova sede, além do conforto e das facilidades que traz para as atividades próprias de uma Associação Docente, é também um símbolo da importância que a Adunicamp teve, tem e continuará a ter nas questões fundamentais da Universidade. O momento é, portanto, de congraçamento e sobretudo um momento em que nós podemos, apesar das diferenças, mas graças à pluralidade de pensamento nos juntarmos nesse ideal comum aqui neste espaço, que é o da defesa da Universidade Pública e sobretudo o da garantia e da luta pela sua autonomia.

◆ José Martins Filho

Vou falar como professor da Universidade que está Reitor temporariamente e, evidentemente, com todas as vantagens e dificuldades; queria também falar um pouquinho das coisas que eu tenho visto como Reitor e tenho vivido na Universidade. Em 1968, na Santa Casa, na época

mais dura da ditadura, nós tentamos formar uma associação – pouca gente sabe disso. Eu era secretário dessa entidade que se chamava SO-CIUEC e era formada por um grupo de professores da então Faculdade de Medicina que tentava ligar-se com a Odontologia de Piracicaba. Era um período muito duro, inclusive e era muito complicado. Eu estava lembrando com o Guedes também, o relacionamento desta administração com a Adunicamp e até há pouco tempo a gente teve uma grande quebra de braço sobre esta sede. O Guedes queria 99 anos de comodato e eu, que tinha que assinar este segundo comodato; dizia que nós podíamos dar juridicamente 25. Nós ficamos discutindo um tempão e acabou, curiosamente, ficando para a eternidade, ou seja, nós fizemos um negócio que estabelece que a cada 20 anos se renova automaticamente, desde que sejam mantidos os fins; portanto é eterno. Por outro lado, temos procurado manter um contato direto com esta Diretoria e a anterior, no pequeno espaço de tempo que participou comigo de conversas abertas e freqüentes. E temos sentido nesta administração que vai se findar agora uma posição clara, objetiva, de luta, de intransigência e de luta pelos princípios que norteiam a atuação dos docentes e dos outros funcionários da Universidade. Infelizmente, nem sempre é possível, óbvio, que as vontades bilaterais sejam satisfeitas, até porque a administração é complexa e porque a Universidade continua e precisa continuar. Eu fiquei muito con-

tente de vir a esta reunião, na presença de todas as pessoas aqui presentes, todos os funcionários, professores, membros do sindicato, colegas do DCE, pessoas que aqui estão hoje testemunhando este ato de instalação física da Adunicamp; de uma Adunicamp que sempre existiu de fato em uma luta constante. E mais, contente também porque isto acontece também no ano em que a Unicamp completa trinta anos oficiais; o que não deixa de ser uma homenagem da Associação de Docentes ao aniversário da Universidade. Aqui estão hoje pessoas que seguramente são da Diretoria, foram da Diretoria, participam da atividade administrativa da Universidade, que são professores, funcionários etc. e que, daqui há alguns anos, ao se comemorar 35 ou 40 anos, poderão estar nessa mesma homenagem vestindo a carapuça de Reitor. E é a carapuça de Reitor que mantém a Instituição do lado formal do relacionamento com o outro lado, que é o governo vivo, atento, para que ela consiga persistir. Isto foi registrado nesta mesa e me dá muita alegria. Quem viveu os tempos da ditadura sabe que hoje se vive o tempo em que a gente pode falar; que a gente pode discutir; que a gente pode discordar; que a gente pode dizer a opinião. Isso é profundamente importante numa sociedade como a nossa. E atingir os objetivos que nós queremos, às vezes é uma questão de tempo, que é aquilo que eu mais prezo neste momento. Terminando dizendo que estarei sempre presente nos atos da Adunicamp porque respeito profundamente esta



Auditório da sede própria durante a solenidade de inauguração.



Coquetel que reuniu centenas de pessoas durante a inauguração.

instituição. Tenho mantido com ela sempre uma relação de reciprocidade e de respeito, sempre percebendo que ela é o melhor termômetro da vontade política da Universidade no que tange ao respeito pela qualidade, pela importância do compromisso social e, óbvio, também pela luta do desejo de melhoria interna em busca de melhores salários. Sempre houve a aliança entre o compromisso da luta, dos grupos de professores e funcionários da Universidade, mas eu sempre percebi também o compromisso intenso de respeito à finalidade última da Universidade, que é servir à sociedade.

◆ Luís Carlos Guedes Pinto

Gostaria de dizer que as Associações de caráter voluntário como a Adunicamp, além de algumas características formais como a livre constituição, a adesão voluntária, e a definição de objetivos coletivos, efetivamente desempenham o seu papel de representatividade e permanecem autênticas quando mantêm uma estrutura formal centrada em relações de tipo secundário, mas mantêm também uma outra informal, muito importante, que proporciona a interação espontânea de personalidades e de grupos existentes dentro dela e que está centrada sobre relações de tipo primário, quando asseguram a participação de todos os seus membros, independentemente de suas convicções; quando mantêm a entidade entre os seus fins e suas ações concretas; quando não se deixam dominar pelo aparelho organizativo, quando o controle burocrático é privilegiado em detri-

mento dos fins da organização. Eu quero dar uma parada neste ponto. Acho que a Adunicamp tem cumprido estas tarefas, mas quero dizer que sempre me preocupei muito quando nós tomamos a decisão de construir esta sede, o perigo que a gente corre de que esta sede desvie os nossos fins. Eu acho que as futuras Diretorias têm de estar permanentemente alertas para não se deixar dominar pela estrutura física que nós todos construímos. Acho que esse risco é pequeno, mas vale a pena chamar a atenção para ele. Mas eu dizia que estas entidades mantêm a sua representatividade e permanecem autênticas quando, além disso, contribuem para a manutenção do processo democrático no ambiente onde atuam, na medida em que se posicionam como entidades que equilibram o poder central e como instrumento de compreensão dos processos sociais e políticos que se dão no interior da comunidade e, finalmente, quando ajudam a compreender as dinâmicas sociais e políticas, assegurando aos seus membros a intervenção nas mesmas. Uma análise retrospectiva da história da Adunicamp permite-nos afirmar, com segurança, que a nossa entidade passaria, com distinção e louvor, num teste que tivesse como base as características que vimos anteriormente. Cada um dos colegas aqui presentes, e em particular cada um dos ex-presidentes, como já o fizeram, seriam capazes de recordar e relatar episódios que comprovam esta afirmação. Apenas a título ilustrativo e muito brevemente, recordaria alguns momentos já ditos, mas vou repetir, em que a presença da Adu-



Vista parcial dos edifícios e ajardinamento da sede própria.

nicamp foi marcante, contribuindo decisivamente para a tomada de decisões fundamentais para a vida da nossa Universidade, como por exemplo na superação da crise, em 1981, durante o processo de institucionalização da Universidade; na conquista da autonomia financeira, no aumento do percentual do ICMS destinado às Universidades nas votações da Lei de Diretrizes Orçamentárias. E também neste momento, contando com o apoio de diversos deputados, entre os quais o Renato Simões, quando estamos batalhando para que o orçamento do Estado para o próximo ano não se reduza em aproximadamente 5% em função da isenção do ICMS para produtos de exportação e bens de capital. A Adunicamp preenche e desempenha uma função diferenciada, respondendo aos anseios da comunidade docente da Universidade. Aqui tudo se reflete, tudo é canalizado, desde as questões relativas às condições de trabalho até os rumos e destinos da Instituição e sua vinculação com a sociedade. Esta é a função da nossa entidade e nesse sentido podemos dizer que a Adunicamp tem uma história significativa, história essa que demonstra ser indispensável para a Universidade a existência de um espaço para reflexão e divulgação de idéias e propostas, independente da administração, o que não significa necessariamente em conflito com a mesma. Cremos mesmo, que, em muitos casos convém à própria administração que estes debates ocorram fora dos ambientes burocráticos e institucionais, onde podem se dar de maneira menos comprometida, isto é, mais in-

formal, aberta, espontânea e criativa. Por oportuno, recordaria que o Jornal Adunicamp, que está circulando esta semana, em seu editorial propõe uma agenda para a Universidade, onde destacamos uma série de questões substantivas para o futuro da nossa instituição. A história da nossa Entidade, cuja construção sempre se caracterizou pela pluralidade, pelo diálogo aberto e franco, pelo debate muitas vezes caloroso, mas sempre leal e respeitoso, onde não só a lógica do raciocínio científico e formal se manifesta, mas também as emoções decorrentes do nosso comprometimento com a realidade econômica, social e sobretudo política de nosso país, essa história também conduziu e orientou o próprio projeto arquitetônico da nossa sede. Eu tinha me preparado até para fazer essa vinculação, mas seria uma longa dissertação. Mas eu penso que todos poderão sentir que essa concepção arquitetônica procura refletir essas preocupações. A concepção desse espaço físico que esperamos venha a ser o palco das nossas mais legítimas e autênticas manifestações, não apenas políticas, mas também artísticas, culturais e científicas, é consequência do espírito associativo e solidário que tem prevalecido na entidade, revigorado pela nossa história, que é uma história de lutas em defesa da Universidade. Este conjunto que ora é colocado à disposição da comunidade Universitária da Adunicamp, constitui-se, não apenas numa nova edificação, mas sobretudo num espaço privilegiado para exposição das nossas divergências na busca incansável da convergência.

PRESTANDO CONTAS

Programa Universidade e Sociedade 18 meses depois

A chapa Universidade e Sociedade, eleita para a gestão maio/95-novembro/96, propusera, em seu programa, atuar não somente na luta pela melhoria de nossas condições de trabalho, aí incluídos salários compatíveis com dedicação integral exclusiva, como também na discussão de vários temas que vem sendo debatidos há bastante tempo, sem que medidas efetivas tivessem se concretizado. Dentre estes podemos destacar a carreira docente, avaliação na Universidade, cursos noturnos, políticas de pesquisa e ensino. Na ocasião, nos comprometemos também a retomar as negociações e providências necessárias para viabilizar a construção da sede própria da Adunicamp, atendendo antiga aspiração dos associados. Passados os dezoito meses de nossa gestão, vimos divulgar o resultado de nossos esforços em cumprir o programa proposto.

Considerando que a nossa Associação só teria sucesso na medida em que a comunidade docente estivesse participando com idéias e sugestões e que essa interação deveria contemplar também a divulgação da posição e decisões da Diretoria sobre os temas relevantes que vão se sucedendo no decorrer da gestão, uma das nossas principais iniciativas, foi a presença da Adunicamp, representada pelo presidente, em todas as Unidades, durante reuniões de congregações. Esta visita se deu em todas as Unidades, em pelo menos duas ocasiões distintas e, na FCM, devido à proposta de alguns docentes, o presidente da Adunicamp participou também de reuniões na maior parte dos departamentos. Na nossa avaliação, foi extremamente positiva essa nossa participação e várias preocupações externas na maioria das Unidades foram descritas no Editorial do Jornal Adunicamp de novembro passado.

Nossa presença foi também constante em todas as reuniões do CONSU, onde externamos sempre nossa posição em defesa da Universidade,

do ensino, pesquisa e extensão, sob as mais diversas circunstâncias. Nossa ação foi sempre coordenada com a bancada docente do CONSU, com a qual a Diretoria manteve reuniões regulares para análise e discussão dos assuntos da pauta das reuniões da CEPE, CAD e CONSU. Dentre os diversos assuntos tratados, podemos destacar a participação da Adunicamp no caso das Ossadas de Perus e do episódio do Vestibular-96, amplamente divulgados através dos nossos boletins. Nosso esforço de realmente contar com o respaldo de toda a comunidade docente levou-nos a procurar os não-sócios, através de correspondência individual, expondo nossos objetivos nesta Associação e solicitando filiação. A resposta da comunidade foi bastante expressiva, com um aumento de 175 associados durante esta gestão. Desta forma contamos até este momento com 1978 docentes filiados à Adunicamp.

No plano externo houve intensa participação junto ao Fórum das Seis e à Andes-SN, com presença de membros da Diretoria em todos os Congressos e Conad's. Neste sentido cabe destacar a criação do GT-Previdência que manteve presença constante junto às discussões das Reformas da Previdência e Administrativa no Congresso Nacional, contatando deputados e senadores, propondo moções de repúdio às mudanças prejudiciais a nossa categoria, e atuando junto à Andes-SN. Diretamente relacionada à nossa sempre presente preocupação com a manutenção da qualidade da universidade pública no Estado de São Paulo, participamos intensamente das discussões da Lei de Diretrizes Orçamentárias para 97, junto à Assembléia Legislativa, e, num esforço com as demais entidades do Fórum das Seis, foi finalmente rejeitado o redutor imposto pela LDO-96 à alíquota do ICMS a ser repassada às Universidades Públicas Paulistas. Mais recentemente, nova rodada de discussões com vários deputados para

inclusão, na votação do orçamento do Estado para 97, de emenda que garanta repasse de verbas com base também no valor a ser restituído ao Estado pelo Governo Federal, decorrente das isenções de ICMS concedidas a partir de janeiro de 97 sobre produtos exportados e bens de capital. O impacto de tais medidas no orçamento das universidades foi discutido em seminário por nós promovido recentemente, proferido pelo professor Geraldo Biasoto, do Instituto de Economia, onde a presença do senhor Antônio Félix Duarte, Assessor de Planejamento Orçamentário da Unicamp, indicava o acerto desta nossa iniciativa. Inúmeros contatos e discussões foram também realizados junto às outras entidades do Fórum das Seis e deputados estaduais no sentido de se preparar uma minuta da Lei Orgânica do Ensino Superior, para que fique definitivamente estabelecida a autonomia universitária no Estado de São Paulo.

Para levar a cabo todas essas ações, sentimos a necessidade de uma reestruturação administrativa, redimensionando o setor de contabilidade, tornando públicos os balancetes mensais da Associação. As reuniões de Diretoria passaram a ser registradas em ata, facilitando o levantamento das decisões tomadas nesta gestão. O setor de jornalismo foi reformulado, passamos a editar um jornal com um projeto gráfico mais leve e agradável à leitura, mantendo a regularidade e qualidade dos artigos publicados. Atendendo à demanda da comunidade ampliamos o setor de convênios, beneficiando os associados com as mais diversas opções além dos convênios de saúde e odontológicos. O setor jurídico também passou por uma remodelação para torná-lo mais eficiente, facilitando o contato entre os interessados e o nosso advogado. Foi instituída uma ficha de avaliação do atendimento do setor jurídico, para facilitar a detecção de eventuais problemas para que esses viessem a ser

solucionados rapidamente. Internamente houve a redefinição das tarefas de cada funcionário e a contratação de um guardinha para agilizar a distribuição externa e de uma funcionária que trabalhou no levantamento de todo o arquivo da Associação e que ao lado desse trabalho passará a exercer as funções de recepcionista-telefonista na sede própria, recém inaugurada.

E com a construção e entrega da sede própria à nova Diretoria que tomou posse em 19 de novembro deste ano, cumprimos uma expectativa de toda a comunidade, de ter um espaço próprio, adequado às nossas manifestações políticas, culturais e sociais. Nesta edição apresentamos a reportagem sobre a festa de inauguração dessa sede que certamente constitui o marco de uma nova fase na vida da Adunicamp.

Balancete de Verificação em R\$ Período: maio/95 a outubro/96

SALDO INICIAL.....	227.597,98
RECEITAS	
Contribuição de Sócios.....	837.105,59
Receitas de Convênios.....	2.987.181,10
Rendimento de aplicação.....	228.136,49
Outros (xerox, uso telefone terceiros etc).....	7.036,68
Devolução empréstimo funcionários..	4.297,61
DISPONÍVEL.....	4.063.757,47

DESPESAS

Pessoal/encargos sociais.....	191.402,44
Colaboração com outras entidades..	183.542,45
Imprensa e Divulgações.....	62.537,09
Viagens, Representações e Eventos..	35.159,57
Estornos e débitos indevidos de associados.....	25.056,34
Treinamento para funcionário.....	1.030,11
Confraternização com a categoria...	4.746,56
Manutenção da sede.....	39.639,83
Repasse para convênios.....	2.526.420,87
Honorários.....	40.284,68
Serviço prestados de terceiros.....	10.316,98
Despesas bancárias.....	31.185,16
Construção da sede, mobiliário e jardinagem.....	412.720,16
Empréstimo a funcionário.....	3.550,00
Patrimônio da sede.....	28.348,51
TOTAL DAS DESPESAS.....	3.595.940,75
SALDO EM 30.10.96.....	695.414,70

ATIVO FINANCEIRO

Aplicação financeira.....	694.643,88
Conta corrente.....	160,00
Caixa secretaria.....	610,82

TOTAL DO FINANCEIRO..... 695.414,70

ADUNICAMP

Nova diretoria da entidade é empossada

A nova diretoria da Adunicamp foi empossada no dia 29 de novembro, em solenidade realizada no auditório da sede própria da Entidade. As eleições se deram em 22, 23 e 24 de outubro e a diretoria para os próximos 18 meses ficou assim constituída: presidente, Lino Castellani Filho (Faculdade de Educação Física); 1º vice, Néelson Rodrigues dos Santos (Faculdade de Ciências Médicas); 2º vice, Osmar de O. Marchese (Instituto de Economia); 1º secretário, Wilmar da R. D'Angelis (Instituto de Estudos da Linguagem); 2º secretário, Maria Elisabete S. Tocchini (Colégio Técnico de Campinas); 1º tesoureiro, Alba Regina Monteiro S. Brito (Instituto de Biologia); 2º tesoureiro, José Luiz A. de O. Sousa (Faculdade de Engenharia Civil); diretor administrativo, Regina Maria de Souza (CEPRE); diretor de imprensa, Carlos R. de Souza (Faculdade de Engenharia Elétrica e de Computação); diretor cultural, José Roberto Zan (Instituto de Artes).

Docentes e funcionários da Unicamp, e representantes de diversas

entidades estiveram presentes. A mesa foi composta por diretores do Sindicato dos Trabalhadores da Unicamp (STU), da Associação de pós-Graduandos (APG), do Diretório Central dos Estudantes (DCE), da Associação de Docentes da USP (Adusp), do Fórum das Seis Entidades e pelo Reitor da Unicamp, José Martins Filho.

O professor Luís Carlos Guedes Pinto, que até então vinha presidindo a Adunicamp, abriu a solenidade, passando a palavra ao presidente já empossado Lino Castellani Filho que lhe devolveu a palavra para que proferisse seu discurso. Guedes fez uma avaliação de gestão, afirmou que o trabalho foi realmente coletivo e agradeceu a colaboração dos integrantes de sua diretoria: Ítala M. Loffredo D'Ottaviano, Lúcia Pereira da Silva, Marcela Haun, Marlene Rita de Queiroz, Lino Castellani Filho e Luiz Antunes de Oliveira. O ex-presidente da Adunicamp agradeceu, ainda, a participação de inúmeros colegas docentes e a colaboração dos funcionários da Adunicamp.



Daniel Macedo (DCE), Sandra Scuti (STU), Marco Brinati (Adusp), Lino Castellani Filho, Luís Carlos Guedes e José Martins Filho.

Durante a solenidade, a Reitoria da Unicamp foi questionada e criticada acerca do Prêmio de Incentivo à Produtividade e a demissão dos aposentados na Universidade pelo regime CLT. Os integrantes da mesa criticaram, ainda, o "provão" do MEC, o orçamento da Universidade e a Lei de Diretrizes Orçamentárias. Ao final da solenidade, o novo presidente da Adunicamp Lino Castellani Filho apresentou os membros de sua diretoria e falou de suas ex-

pectativas em relação ao seu mandato, encerrando a sessão.

A nova Diretoria da Adunicamp recebeu mensagens de cumprimentos do Sindicato dos Trabalhadores da USP (Sintusp); dos deputados José Baccarin, Amilton Pereira, Jamil Murad, Rui Falcão, Paulo Teixeira e Mariângela Duarte; do pró-reitor de Graduação, José Tomaz Vieira Pereira; do diretor da Faculdade de Educação, Luís Carlos de Freitas; do Banespa e da Nipomed.

Discurso de Posse

Lino Castellani Filho

Estamos assumindo a direção desta Associação de Docentes em um momento em que vemos instaurado em nosso país um processo irresponsável de desmonte do serviço público e de desmantelamento das conquistas sociais tão penosamente conquistadas pelos brasileiros. Estamos assumindo a direção da Adunicamp em um momento em que a Universidade Pública está por um fio, por graça e obra de governos subservientes aos desígnios neoliberais das agências do primeiro mundo. Estamos assumindo a direção da Adunicamp em um momento em que se faz urgente vincular a Universidade Pública a um contexto de resistência a esse projeto de sociedade e de construção de um outro. Para tanto, precisamos de uma Universidade forte. Uma Universidade forte não se constrói sem diálogo entre os segmentos que formatam a sua comunidade.

Não é com posturas como aquelas que, infelizmente, o Cruesp e as reitorias em particular vêm assumindo, que seremos fortes para enfrentarmos os desafios que grassam em nosso meio. Não poderíamos ter exemplo mais significativo do que acabo de dizer, do que os episódios vividos nesta conturbada semana, por conta da infeliz e equivocada medida da Reitoria, acerca do

Prêmio Extra de Incentivo à Produtividade. Se diálogo existisse, tenho plena convicção que tais fatos/acometimentos teriam sido evitados. É inaceitável ficarmos sabendo das ações da Reitoria pelo Unicamp Notícias. Dentro do campo democrático tudo faremos para resgatar de fato o direito usurpado aos aposentados.

É o diálogo pautado no respeito que poderá alavancar o esforço conjunto do Fórum das Seis e o Cruesp na configuração de um anteprojeto de Lei Orgânica de Ensino Superior do Estado de São Paulo que venha a consolidar a autonomia universitária tão arduamente conquistada e a garantir recursos financeiros para as Universidades, através da vinculação ao orçamento total do Estado, nos moldes do adotado em relação à Fapesp.

É o diálogo, pautado no esforço de qualificação das Entidades e das administrações das Universidades, que poderá propiciar o fortalecimento dos espaços coletivos de fluência e construção de sentimentos comunitários. É neste contexto que desenvolvemos a expectativa do papel a ser representado por esta sede própria da Adunicamp, construída pelos docentes da Unicamp.

Para tanto, mais do que nunca, precisamos de uma Universidade forte, e uma Universidade forte

como queremos a Unicamp, não se constrói sem uma Adunicamp forte.

Só admitimos a possibilidade de uma Adunicamp forte como efeito de participação de cada docente. A força da Adunicamp é responsabilidade de cada um de nós. O modo como cada um de nós a qualifica é reflexo do próprio modo como nos posicionamos em relação a ela. Se como espectador, se como militante, se como mero agregado dos convênios que oferece. Nossa proposta e nosso desejo é que cresça, mais e mais, em cada um de nós, docente, o sentimento da imperiosa necessidade de nos fazermos parte viva da Adunicamp. Concordando ou se opondo, temos é que darmos um retumbante não à omissão! Concordando ou se opondo, a participação docente é crucial para uma Universidade forte. Por fim é com Bertolt Brecht que finalizamos este breve discurso:

"Nossos inimigos dizem: a luta terminou.

Mas nós dizemos: ela começou.

Nossos inimigos dizem: a verdade está liquidada.

Mas nós dizemos: nós a sabemos ainda.

Nossos inimigos dizem: mesmo que ainda se conheça a verdade, ela não pode mais ser divulgada.

Mas nós a divulgamos."